

Diretor: Vitor Manuel
Gomes Rafael, OFM

Ano LXXVIII . N.º 324
janeiro de 2016
Preço: 0,50€

Missões



PAZ E BEM

FRANCISCANAS

MENSÁRIO DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO MISSIONÁRIA



EDITORIAL

“Estamos em pleno Ano Santo da Misericórdia. Tempo de enraizar cada vez mais o nosso sentir e agir em Deus. Tempo de arrancar a dureza do nosso coração para podermos sentir a misericórdia do Pai. Tempo de olhar para o outro como irmão e, nunca, mas nunca condenar.”

A UMF CHEGOU À JORDÂNIA

“Era o nosso 4.º dia de viagem e estávamos em Betânia, na margem leste do Rio Jordão, o local do batismo de Cristo, segundo a tradição, confirmada por arqueólogos e historiadores e reforçada pelas visitas dos papas João Paulo II e Bento XVI.”

NOITE FELIZ! TINGIDA DE NEGRO!

“Era noite de Natal. Nasceu Jesus, em Belém, à meia-noite desse mesmo dia. Já passaram mais de dois mil anos, mas esse acontecimento, por milagre da fé, renova-se em cada Natal. É Natal sempre que uma criança vem ao Mundo e traz consigo uma mensagem de esperança.”

Editorial



Texto: Frei Vítor Rafael, OFM

Estamos em pleno Ano Santo da Misericórdia. Tempo de enraizar cada vez mais o nosso sentir e agir em Deus. Tempo de arrancar a dureza do nosso coração para podermos sentir a misericórdia do Pai. Tempo de olhar para o outro como irmão e nunca, mas nunca, condenar. O Papa Francisco, aquando do anúncio oficial do Jubileu da Misericórdia, defendeu que «ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus». Como seguidores de Cristo que somos e em cujo conhecimento e crescimento queremos progredir, importa abrir o nosso coração à misericórdia de Deus, escutando todos os dias o que Ele nos susurra e, imbuídos nesse espírito, cumprirmos em todas as ocasiões da vida a nossa missão de batizado: sermos testemunhas da Misericórdia. A certeza do amor de Deus por cada um de nós é fundamental. E a convicção que somos por Ele amados é libertadora. O amor jamais condena ou acusa, antes pelo contrário, acolhe, corrige, dá a mão. E só na verdade e no reconhecimento da nossa humildade poderemos enraizar o agir com misericórdia. Um coração duro fecha-se à doçura do amor, condena, acusa, endurece e dele só podem sair posteriormente pedras. Só sendo misericordiosos poderemos ser construtores de pontes, de afetos, de ligações. Na misericórdia não há lugar ao azedume, ao rancor, às costas voltadas, ao não querer perceber a razão do outro. Na misericórdia há uma vontade constante e premente de ir ter com o outro, esquecer-se das razões pessoais e nunca destruir relações. Peçamos no início deste ano, que saibamos abrimo-nos à luz interior, que nos faça sentir o carinho e a ternura de Deus, para continuarmos na estrada da vida, sempre, mas sempre de mãos dadas a este Deus que é totalmente Misericórdia. E, como filhos, saibamos imitar o Pai nesse jeito tão particular de amar.

ASSINATURA DO JORNAL M.F.

. Cheque: à ordem de União Missionária Franciscana;
. Transferência Bancária: IBAN - PT50 0010 0000 2614 0490 0011 7 - BPI (enviar comprovativo de pagamento e n.º de assinante).

A misericórdia não se diz

A misericórdia é uma libertação do isolamento, da solidão.

Texto: Joaquim Franco - Missão Press

“Como a justiça, a misericórdia revela-se na ação”

Dizer a misericórdia é uma tarefa difícil, talvez impossível. Poderemos sondar os caminhos onde a misericórdia se faz, porque, nascendo num Deus que se espera, a misericórdia ganha expressão prática no homem que Procura. Como a justiça, a misericórdia revela-se na ação. “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia”. A misericórdia é uma libertação do isolamento, da solidão.

Benevolência, bondade e compaixão surgem em quase todos os contextos éticos ou religiosos. E sem a permanência e a urgência do outro, a fé cristã é um equívoco. Não há

fé sem consequências na vida praticada e partilhada. Não faz sentido sem a corresponsabilidade. Seria um equívoco.

O indivíduo é um somatório de contextos e de relações. Ser humano é viver a essência da relação. Um Eu a caminho de um Tu, para fazer um Nós. E é neste Nós inevitável que Deus se revela, na intimidade da relação. Pode estar antes, mas revela-se em relação. Ninguém pode ter uma relação com Deus se não tiver uma relação com os outros. Uma relação de coração, uma relação de intimidade. Ser com e para. O grande desafio é o outro e a sua intrínseca dignidade, antes da condição de ser. Um Deus de misericórdia, que se revela pelo homem, tem “coração”, faz relação, é capaz de comover e de se comover. De ceder para facilitar o encontro e reconstruir. Como diz frei Fernando Ventura, “se o Deus de misericórdia é um Deus com tripas, então a misericórdia só pode significar que temos de fazer das tripas coração para ir ao encontro do outro” ⁽¹⁾.

A felicidade é um caminho construído com o outro e não há como não reconhecer que, sem o outro, nada somos. Ter misericórdia não é

dar esmola, eternizando a carência do outro. É “entrar” na carência do outro até que esta se torne a nossa debilidade insuportável. Até que a carência do outro seja a nossa carência.

As obras de misericórdia indicam um percurso revolucionário - “amarás o teu próximo como a ti mesmo”. As denominadas obras espirituais agarram por dentro, encostam o indivíduo à parede. As obras corporais exigem uma hermenêutica para o exterior, estão de saída. Diz o papa Francisco que justiça e misericórdia são “duas dimensões duma única realidade” ⁽²⁾. A misericórdia é operativa, não é teórica. Se a misericórdia faz a (re)construção do outro, implica a justiça. Por isso não se diz, ou melhor, diz-se quando se faz, na construção ética, no exercício da justiça e da paz com um inquestionável enquadramento político e comunitário.

⁽¹⁾ *Do Eu solitário ao Nós Solidário (2011) e Somos pobres mas somos muitos (2013)*, Verso de Kapa

⁽²⁾ *Bula Misericordiae Vultus, 14.04.2015* ●

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: União Missionária Franciscana
Diretor e Chefe de Redação: Vítor Manuel Gomes Rafael, OFM

Redação e Administração: Apartado 1021 - 2401-801 LEIRIA
Telefone: 244 839 904/6 Fax: 244 839 905
E-mail: umfprocnac@gmail.com
Site: www.uniao-missionaria-franciscana.org

Projeto Gráfico: www.incentea-mi.pt
Paginação: inCentea Marketing e Inovação

Colaborações: Adriana Palmela, Frei Álvaro Cruz Santos Silva, Helena Espírito Santo, Isabel de Castro, Fr. José Lima, Liliana Carvalho, Madalena Abreu, Sérgio Fonseca.

Impressão: Jorge Fernandes LDA.
Quinta do Conde de Mascarenhas, n.º 9
2825-259 Charneca da Caparica

Tiragem: 8000 exemplares

Depósito Legal n.º 60342/92
Registo de Imprensa n.º 102581
Contribuinte n.º 501 188 207

Assinatura Anual 5,50€
Assinatura Benfeitora 10,00€
Avulso 0,50€



MEMBRO DA
MISSÃO

SUGESTÃO DE LEITURA

Está disponível o III Volume das Histórias do Frei José Dias de Lima: *Histórias de Vida, Exemplo e Proveito*. Quem adquiriu o primeiro e o segundo volume decerto que gostará de levar também o terceiro, com novas histórias reunidas neste volume. Será boa opção para uma prenda.

É uma ajuda às Missões Franciscanas. Faça o seu pedido que enviaremos pelo correio a sua casa, pelo preço 10,00 Euros com portes incluídos, ou à cobrança pelo mesmo preço.

União Missionária Franciscana
Apartado 1021, 2401-801 Leiria
Tel.: 244 839 904
Email: umfprocnac@gmail.com



Livraria - Porto

Livraria Franciscana foi remodelada em 2000

Texto: Frei Faria, OFM

“Amigo leitor, não deixe de visitar esta simples casa onde será recebido como irmão.”

Há muitos anos foi aberta uma livraria franciscana na Rua de Cedofeita, n.º 352 do Porto que, apesar das exíguas condições, foi singrando, impondo-se, sem grandes rasgos, pois para isso não havia suficiente incentivo nem condições físicas. Após uma remodelação substancial a partir do ano 2000 pode crescer no espaço e no ambiente para se apresentar em público de cabeça levantada.

Vimos agora mostrar algumas das capacidades possíveis e oferecer, não apenas aos moradores, mas a todos os que desejam um encontro com S. Francisco e outras fontes.

A variedade de livros e objetos religiosos estão a satisfazer os mais exigentes. Além dos particulares também as paróquias adquirem aqui catecismos, hóstias e partículas, vinho de missas, cera líquida, objetos religiosos, livros franciscanos e outros, etc., e quando os não possuímos de momento temos o prazer de encomendar imediatamente. Quanto a preços fazemos o mínimo possível.

O bom acolhimento e os espaços bem aproveitados fazem deste lugar um momento de agradável convívio.

Já fizemos a apresentação de alguns livros e estamos a organizar encontros de crianças com os seus monitores ou catequistas, criando um ambiente de família abraçada pelo cordão de S. Francisco.

Amigo leitor, não deixe de visitar esta simples casa onde será recebido como irmão. ●

A Paz

Artigo de Opinião



Texto: Helena Espírito Santo
Docente

“Construir a Paz é uma tarefa nunca terminada”

Há um tempo que ando a pensar neste texto. Talvez os últimos acontecimentos de 2015, ou quase todo o ano, tivessem trazido a lume esta premência: a Paz. Estamos no início de mais um ano que começa guiado por Maria e também pela graça da Paz. Não se trata, neste caso, da paz do mundo, que essa as gentes teimam em não a construir e deixar que permaneça, mas da Paz que Cristo trouxe ao mundo. A mesma

Paz de Cristo que em cada celebração eucarística damos uns aos outros, por certo, com convicção, mas que parece esfumar-se, mal saímos da igreja. Se a transportamos em nós, temos que procurar efetivá-la nas mais simples relações do dia a dia: em casa, no trabalho, nas compras, no trânsito e alimentá-la com a oração, afinal, a relação de cada um de nós com Deus.

Construir a Paz é uma tarefa nunca terminada mas também tarefa inadiável para um cristão. Disto dá exemplo o Papa Francisco no seu simples quotidiano para além de outras ações como aquelas em que têm sido visíveis os seus esforços para fomentar a paz entre países, entre responsáveis religiosos, entre gentes. A paz do mundo, sabemos nós, só perdura se a Paz de Cristo for derramada.

Porém, temos também notícia de que se pode sentir a Paz de Cristo no meio do desassossego, da intranquilidade, do caos, até.

E, por isso, este texto é também um voto. Um voto sincero de que, neste ano de 2016, cada um de nós assuma na e com a sua vida a construção da Paz de Cristo no mundo. ●

CORTAR E ENVIAR PARA:
União Missionária Franciscana - Convento De São Francisco
Rua Dos Mártires, 1 - Apartado 1021 - 2401-801 Leiria

Valor de 1 Bolsa de Estudo (250,00 €)
 Valor de 1/2 Bolsa de Estudo (125,00 €)
 Ajuda para Bolsa de Estudo no valor de €
 Envio cheque à ordem de União Missionária Franciscana
 Envio vale postal à ordem de União Missionária Franciscana
 Faço transferência bancária para: IBAN: PT50 0007 0018 0025 6060 0058 6
 Desejo comprovativo para dedução do IRS / IRC
(N.º Contribuinte:)

BOLSAS DE ESTUDO 2015/2016

QUERO APOIAR A FORMAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS FRANCISCANOS

Está nas nossas mãos apoiar e fazer com que se desenvolvam as vocações missionárias franciscanas que vão surgindo. «É o Espírito que impele a anunciar as grandes obras de Deus! Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois que me foi imposta esta obrigação: Ai de mim se não evangelizar! (1Cor 9, 16). Em nome de toda a Igreja, sinto o dever imperioso de repetir este grito de S. Paulo» (Redemptoris Missio).

A Bolsa de Estudo é a oferta dum importância em dinheiro para ajudar as despesas com a formação das vocações missionárias. Cada Bolsa deve atingir a importância de 250,00€, oferecida de uma só vez ou em várias prestações. Uma Bolsa pode ser oferecida por uma ou várias pessoas. «Quanto às ajudas materiais, é importante ver o espírito com que se dá. Para isso torna-se necessário rever o próprio estilo de vida: as missões não solicitam apenas uma ajuda, mas uma partilha do anúncio e da caridade para os pobres. Tudo o que re-

cebemos de Deus - tanto a vida como os bens materiais - não é nosso, mas foi-nos confiado em uso. Que a generosidade no dar seja

sempre iluminada e inspirada pela fé». ●

(Redemptoris Missio)



XVII Fórum Ecuménico Jovem

FEJ decorreu em Castelo Branco, a 7 de novembro.

Texto: Pe. Tony Neves

“a Fé tem de nos transformar”

Conformismo, não! Transformação, sim!

Mais de 200 jovens ‘invadiram’ Castelo Branco a 7 de novembro para a 17.ª edição do FEJ. À organização (igrejas Católica, Lusitana, Metodista e Presbiteriana), juntaram-se os Ortodoxos.

A festa começou na Igreja da Sr.ª de Fátima com saudações. D. Manuel Felício levou palavras de incentivo da Conferência Episcopal Portuguesa. D. Antonino Dias fez as honras de anfitrião e deu as boas vindas a todos. O Dr. Luis Correia, Presidente da Câmara, mostrou a alegria de acolher o evento. D. Sifredo Teixeira saudou os presentes em nome do Conselho Português das Igrejas Cristãs. E a festa continuou com a oração da manhã e a partilha bíblica orientada pelo Bispo Sifredo. A não conformação e a transformação de vida foram analisadas à luz das atitudes do cego Bartimeu, da Samaritana e de Zaqueu. Concluiu com um apelo à solidariedade e ao acolhimento aos refugiados porque ‘a Fé tem de nos transformar e de transformar o mundo à nossa volta’.



Os jovens refletiram em pequenos grupos e prepararam uma oração para a Celebração Final. O almoço foi partilhado.

A tarde iniciou com *workshops* plurais, desde a visita a Museus (Cargaleiro, Francisco Tavares Proença Júnior, Arte Sacra), até partilhas de temas e experiências como a Ecologia, o Voluntariado hospitalar e missionário, a vida sofrida dos cristãos

perseguidos, as respostas sociais das Igrejas.

O encerramento foi celebrativo, na Igreja de S. Tiago, a partir das convicções de que só o Amor de Deus transforma, de que não há transformação sem arrependimento e confissão dos pecados, de que a transformação requer tempo para ouvir a Palavra de Deus e exige momentos de Oração. Concluiu-se que, transformados por

Deus, os jovens ajudam a transformar o mundo em que vivemos.

Na hora da despedida, a alegria era imagem de marca e prova de que foi um grande momento ecuménico. Os abraços não esconderam a gratidão ao Departamento de Pastoral Juvenil da Diocese de Portalegre-Castelo Branco e às paróquias da Cidade que prepararam, acolheram e animaram o FEJ 2015. ●

PEREGRINAÇÕES 2016

A pedido de um grupo de colaboradores e benfeitores das Missões Franciscanas, a União Missionária Franciscana tem programadas 2 viagens/peregrinações para o ano 2016:

LOURDES E SANTUÁRIOS DE ESPANHA

Peregrinação a Lourdes e aos Santuários de Espanha: além de Lourdes, Zaragoza (Virgem do Pilar), Ávila (Santo Inácio de Loyola) e Alba de Tormes (Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz).
De 23 a 27 de maio de 2016 (autocarro).



ROMA, ASSIS E MALTA

Roma, Assis e Malta: Assis, Roma (audiência papal), La Valleta, Catedral de São Paulo, Forte S. Ângelo, Ilha Gozo. De 5 a 12 de setembro (avião).



Desejamos desta maneira proporcionar a muitos outros amigos a possibilidade de se juntarem a esta grande «Família Missionária».

Informações e Inscrições:

União Missionária Franciscana - Leiria
(Frei Vítor Rafael)
Tel. 244 839 904

Convento de Varatojo/Torres Vedras
(Frei António Marques de Castro)
Telm. 938 467 160 ●

A UMF chegou à Jordânia

Peregrinação teve lugar de 6 a 13 de outubro (II)

Texto: Celme Pedreiro

“atravessamos lugares bíblicos, caminhos percorridos por Moisés, conduzindo o seu povo à terra prometida”

“Isto passou-se em Betânia, na margem além do Jordão, onde João estava a batizar.” (Jo 1, 28)
Este versículo bíblico remete-nos para o lugar onde nos encontrávamos. Era o nosso 4.º dia de viagem e estávamos em Betânia, na margem leste do Rio

Jordão, o local do batismo de Cristo, segundo a tradição, confirmada por arqueólogos e historiadores e reforçada pelas visitas dos papas João Paulo II e Bento XVI. E, como referiu Frei Vítor na Eucaristia celebrada ali à beira do Jordão, **“Os lugares não eram exatamente como são hoje, mas o espaço é o mesmo – montanhas, rio... – foram os espaços de Jesus, e nós estamos aqui.”** Do outro lado do rio, que só ali faz fronteira entre os dois países, Israel – com Jericó a pouca distância, e Jerusalém a 29 quilómetros em linha reta. Ali perto, escavações arqueológicas punham a descoberto ruínas de três igrejas bizantinas, o que resta das muitas que foram sucessivamente construídas e arrasadas por terremotos e inundações, e também piscinas para o ritual do batismo nas épocas romana e bizantina, construídas ali em memória do batismo de Jesus e do início do Cristianismo. E também perto do local onde João Baptista batizava, a Colina de Elias, donde o Profeta terá subido ao céu.

O Mar Morto, o ponto mais baixo da terra, com uma altitude negativa de cerca de 408 metros abaixo do nível do mar, abordámo-lo como turistas, numa tarde de lazer, com possibili-

dade de fruir os efeitos benéficos das suas águas, um inocente contraponto e complemento mundano à riqueza espiritual da manhã.

É já outro dia. Subimos a montanha, vemos o Mar Morto cada vez mais de cima, ora o lado jordano ora o israelita; atravessamos lugares bíblicos, caminhos percorridos por Moisés, conduzindo o seu povo à terra prometida. Marcas do presente, os beduínos – hoje sedentários –, as suas tendas, os seus rebanhos.

A vista alonga-se na imensidão das montanhas escavadas e desce à fundura dos vales. E vamos fruindo o banho cultural de História, em correlação com fontes, raízes e marcos da nossa fé, em visitas a locais, paragens breves ou simples referências: Mukawir (Maqueronte bíblica), a fortaleza ligada à prisão de S. João Baptista e à sua morte por decapitação no tempo de Herodes Antipas, de cujo palácio se viam ainda as ruínas; Aroer, cidade moabita importante na História; Um Er Rasas, Património da Humanidade desde 2004, que no período bizantino tinha 16 igrejas, sendo o que resta da de Santo Estêvão um bom exemplo, com o seu piso em mosaico bem preservado, de incalculável valor histórico pelo que neles está representado,

com destaque para a série de cidades da Terra Santa, aquém e além Jordão, com as respetivas inscrições em grego; Shobak, pequena cidade fortificada, reconstruída pelo Rei cruzado Balduino I em 1115 d.C., com o seu ar de fortaleza europeia medieval.

Junto às ruínas de Aroer, a cidade moabita que ficava junto de um rio que já não existe, Frei Álvaro levou-nos a refletir sobre o significado das viagens a centros históricos que têm importância na Bíblia. Depois de lembrar que já no Antigo Testamento a água era símbolo de fertilidade e de remeter para referências a Moab num salmo (“Moab, a bacia em que Eu me lavo;” – Sl 60), e no Livro de Rute (a história de duas mulheres que ficaram juntas até à morte por solidariedade e respeito mútuo – “o teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus.” – Rt 1, 16), salientou que estarmos ali não era só por ainda se perpetuar aquele lugar, era pelo facto de a fé unir, congregar as pessoas.

Foi já com a tarde a declinar que chegámos a Petra. E que belo aquele pôr-do-sol com os picos rochosos das montanhas a recortarem-se no horizonte!... ●



Batismo de Jesus: escavações que atestam o local.

Os perigos da calúnia

Maus juízos podem causar danos irreparáveis

Texto: Frei José Dias de Lima OFM

“A calúnia, não duvidemos, é uma arma mortal”

Ana Rita, que trabalhava duramente, como costureira, para criar os seus três filhos menores, tinha a dita de não lhe faltarem clientes, porque era uma boa profissional, e também conheciam a sua situação de viúva de poucos rendimentos, cuja sobrevivência dependia das encomendas. Ora, a dada altura, o seu filho mais velho ganhou um mal na pele, em toda a dimensão das pernas e pés e, a conselho de algum habilidoso, mandou o filho mais novo trazer água ardente, para as untar todos os dias, à noite, durante seis meses. Isaltina, uma boa cliente daquela costureira, ao ver que o filho de Ana Rita passava, de vez em quando, diante a sua casa, com uma garrafa de água ardente em suas mãos,

começou a pensar para si: «Afinal, a costureirinha gosta é da pinga! Valente borrachona deve ser para que o filho lhe vá levando uma garrafa de água ardente de vez em quando, e nós com pena dela, pensando que o seu trabalho é para ajudar a criar os seus filhos!»

Uma semana depois, Isaltina ausentou-se da terra. Entretanto, a sua calúnia passou de boca em boca, a ponto de, na última versão, os ditos referirem que já não era uma garrafa que circulava, mas um garrafão.

Quando Isaltina regressou, cinco anos depois, deparou-se com um jovem, à porta da Igreja da paróquia, que pedia esmola. Movida de compaixão, aproximou-se dele e reconheceu-o como um dos filhos da costureira e perguntou-lhe:

– Não és filho da Ana Rita, a costureira?

– Sou sim, minha senhora!

– Que é feito da tua mãe?!

– A minha mãe está muito doente e na miséria, desde que lhe deitaram a má fama que gastava o ganho do seu trabalho em água ardente!

– Há quantos anos começou essa fama? – perguntou Isaltina, sentindo algum incómodo.

– Foi há cinco anos, mas nunca se descobriu quem começou com esta calúnia.

– E não era verdade, meu rapaz? – perguntou Isaltina, com a consciência a inquietá-la.

– Não, nunca foi verdade! A minha mãe nunca bebeu vinho na vida dela. Só entrou água ardente em nossa casa para untar os pés e as pernas do meu irmão mais velho, por causa de um mal de pele, mas até piorou ainda mais, e só melhorou depois que foi ao médico. Mas alguém me terá visto a comprá-la na loja do Ti Manel, na meia dúzia de vezes que lá fui, sei lá! A verdade é que a calúnia ficou e a minha mãe foi perdendo os seus clientes e acabou por ficar sem trabalho que lhe cobrisse, ao menos, as despesas correntes, e se ter visto votada à miséria e com o coração desfeito por ver os seus filhos a mendigar.

Isaltina dispôs-se a reparar o dano, resultado da sua calúnia, pedindo ao rapaz que a acompanhasse à casa da mãe sem, no entanto, e por vergonha, denunciar, que tudo começara com um mau juízo seu. Mas, quando lá chegaram, encontraram os outros dois filhos chorando aquela que os deu à luz e que acabara de falecer, por não ter aguentado a desgraça que lhe caiu por causa daquela calúnia.

A calúnia, não duvidemos, é uma arma mortal que pode tornar irre-

mediável o que resultou de um mau juízo.

Assim o fez entender S. Filipe de Néri quando, certa senhora, com o vício daninho de levantar calúnias, por tudo e por nada, lhe pediu que a ajudasse a compreender as consequências desse seu defeito.

– Quando estiver um forte dia de vento – disse-lhe S. Filipe – mate uma galinha e venha trazer-ma, depenando-a pelo caminho, até chegar aqui.

Lá apareceu a mulher, num forte dia de vento, com o galo depenado.

– Agora volte para casa, pelo mesmo caminho, recolha as penas e coloque-as no galo e no sítio exato de onde as tirou! – ordenou S. Filipe.

– Impossível! Não tem como remediar o que fiz – respondeu a mulher, que entendera a lição.

O Salmo 51, da Bíblia, apresenta o caluniador como **alguém que prefere o mal ao bem e a mentira à verdade; alguém que se compraz com palavras de perdição e cuja língua é uma lâmina afiada e traiçoeira**, alguém que passa o dia inteiro a congeminar o mal, é poderoso na iniquidade e se gloria na sua malícia. Não vejo forma mais contundente de classificar aquele que calunia o seu próximo. ●

SEJA MISSIONÁRIO COM OS FRANCISCANOS

Como pode colaborar com o trabalho dos Missionários Franciscanos?

- Em primeiro lugar pela oração e ajuda material, fazendo-se zelador ou associado da União Missionária Franciscana.
- Contribuindo para uma «Bolsa de Estudos», que pode ser oferecida de uma só vez ou em prestações.
- Enviando esmolas de intenções de missas para serem celebradas nas missões. A celebração da Santa Missa nas missões ajuda à subsistência dos missionários.
- Enviando donativos, através de transferência bancária, à ordem de Missões Franciscanas: IBAN (BPI) - PT50 0010 0000 2614049000214 (solicite o seu recibo).
- Ser assinante do Missões Franciscanas é também um modo de colaborar na difusão do espírito missionário franciscano. Esperamos a sua participação!

MISSÕES FRANCISCANAS
Rua dos Mártires, 1 Apartado 1021
2401-801 LEIRIA



TERRA SANTA - CRISTÃOS DE GAZA EM LUGARES SANTOS NO NATAL

Texto: Agência Fides

As autoridades israelitas concederam passes nominiais para 600 cristãos moradores na Faixa de Gaza para lhes permitir visitar os Lugares Santos – a partir dos situados em Belém – por ocasião das festividades de Natal. Os passes têm duração de um mês, começando domingo, 20 de dezembro. Fontes palestinas, consultadas pela Agência Fides, destacam que nenhum passe foi concedido a pessoas de idade entre 12 e 30 anos. A seleção torna boa parte dos passes inutilizáveis, principalmente os concedidos a crianças e casais jovens, que não podem ser acompanhados pelos pais.

Entretanto, domingo, 20 de dezem-

bro, o Patriarca latino de Jerusalém, Fouad Twal, abriu a porta santa da paróquia de Gaza, dedicada à Sagrada Família. O Patriarca, junto ao Bispo Giacinto Boulos Marcuzzo (vigário patriarcal para Israel) e a alguns sacerdotes de Jerusalém e dos Territórios Palestinos, participou da festa de Natal das crianças, realizada nas salas da paróquia, inauguradas recentemente. ●

O presépio do frei David

O transporte da fuga para o Egito (parte II)

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

“passo à segunda parte do nosso diálogo, continuando a denunciar a alegria franciscana que ainda lhe corre na vida”



No meu diálogo com o padre David, um venerando frade de noventa e nove anos mas ainda com uma lucidez invejável e uma autonomia considerável, passo à segunda parte do nosso diálogo, continuando a denunciar a alegria franciscana que ainda lhe corre na vida e tudo desta vez, imagine-se, à volta do “irmão Burro”.

Padre David, o quatro patas da fuga para o Egito é uma burra ou um burro? – perguntei, sorrindo. Olha-me essa, agora! Pergunta-lhe! Mas, porque te interessa?! Aquilo é animal decente e, portanto, não anda cá a exhibir se é um ele ou uma ela! – disse, sorrindo da minha questão, que lhe parecia sem sentido.

– Ah! Então foi para não incomodar o animal que não lhe definiu se é macho ou fêmea?!

– Que mal te fez o quadrúpede, afinal? Para ti será importante se é macho ou fêmea?! É um burro! Não te chega?! – tentou rematar.

– Ah, sempre é um burro! – concluí, propositadamente, das palavras que o padre David acabara de dizer – Não, homem! É um burro no geral. Burro pode ser burro ou burra! – tentou explicar.

– Mas olhe, padre David, para mim

é um jumentinho, filho de uma jumenta, como diz o Evangelho de S. João, pois foi sobre um jumentinho que Jesus entrou em Jerusalém. – acrescentei, só para ver que iria dizer o meu interlocutor.

– Mas na fuga para o Egito o animal era outro e o Evangelho de Lucas não especifica, apenas diz: «José, toma o Menino e Sua Mãe e foge para o Egito» e não diz «toma o burro, O menino e Sua Mãe e foge para o Egito!». Quanto mais, o jumentinho da entrada triunfal de Jerusalém pode ser um descendente daquele que foi para o Egito com o menino e Sua Mãe, afinal vão trinta e três anos depois disso, e poderia ser burro ou burra. Mas que conversa! Olha, da pintura... enfim... das artes plásticas, pode dizer-se o mesmo que se diz da oratória no dizer daquele filósofo francês, Blaise Pascal: «La vraie éloquence se moque de l'éloquence» ou seja, a eloquência ri-se da eloquência, isto é, quase não há regras. Portanto, o que Pascal diz da oratória digo em relação à pintura. Portanto, és livre de fazer a tua interpretação pessoal – concluiu.

– Gostei que tivesse pintado o animal de orelhas espetadas, a olhar

de lado, numa posição de trote e manifestando, numa vaidade enorme, e de cabeça altiva, que nenhum outro burro ou burra se poderá gabar, como ele, de ter sido o meio de transporte da Sagrada Família.

– Pois mais ainda, Frei Lima, **o animal está feliz por carregar, no seu dorso, o próprio Deus e a Sua Dileta Mãe, reparaste?** Mas o descendente ou a descendente dele também terá ficado feliz em levá-lo a Jerusalém naquele santo dia de Ramos – disse, na sua terna interpretação.

– E a burrinha a deitar o bafo? Seria pela noite fria que passaram naquela fuga? – perguntei, para provocar mais alguma das saídas assertivas e geniais do padre David.

– Coitada, se à burra lhe apetecia fumar, porque não? Também tinha direito! Aquilo é bafo do tabaco! – respondeu, sorrindo.

– Bem, padre David, nunca vi um burro fumar! Mas lá vem de novo aquele pensamento cartesiano adaptado à sua pintura: «La vraie éloquence se moque de l'éloquence».

– Ah, mas é que não tenhas dúvida! Já não nos fartamos de rir com esta

conversa os dois? E, sinceramente, não sei quem se está a rir mais, se eu de ti ou se tu de mim – respondeu o venerando frade.

– Padre David, que ideia! Estamos a rir-nos dos reis, dos camelos, dos cavalos e da burra – respondi.

– Ora essa, então para ti sempre é uma burra? – perguntou-me o padre David.

– Porquê, padre David?! Para si afinal é um burro? – retorqui eu, aproveitando o seu deslize.

– Não disse que é um burro, que eu saiba! – negou o padre David.

– Mas não acaba de me perguntar: «para ti sempre é uma burra?». Logo, se não lhe parece que para mim não deva ser uma burra quer dizer que para o padre David é um burro, não acha?

– Mas agora andamos com trocadilhos? Estou bem servido! Nunca um burro foi tão importante numa conversa! Pronto! Olha, é um animal, pronto! **Importa é que permaneça em nós a alegria do Tempo do Natal.** ●

Noite feliz! Tingida de negro!

Testemunho de Natal, de Maria Filomena Costa, em São Tomé e Príncipe.

Texto: Maria Filomena Costa

“Mãe é o abraço que nos faz viver”

Era a véspera de Natal. Mãe negra deixou a aldeia, logo pela manhã. Pegou na trouxa, que já tinha preparado, com umas roupinhas, e meteu-se a caminho. Caminhou horas e horas, suportando o calor do sol, húmido e sufocante, o asfalto escaldante da estrada esburacada, que mais lhe dificultava a respiração, e o peso do corpo, pois no seu ventre levava mais uma nova vida, que iria dar à luz nessa noite de Natal.

A caminhada foi dura e penosa. Mas queria chegar antes do anoitecer, pois no Equador o Sol nasce muito cedo, mas vai envelhecendo e desaparece, escondendo-se por entre a vegetação húmida e frondosa, e cai rápido o crepúsculo tropical.

Chegou cansada, dorida, quase sem forças, mas feliz e confiante. Já estava em segurança e preparada para o nascimento de mais um filho. Depois de devidamente acomodada e tratada, eis que começam os primeiros sinais. Tudo preparado. E à meia-noite do dia 24 de dezembro nascia, no Hospital Dr. Ayres de Menezes, uma linda menina, a quem foi dado o nome de Mariama.



A noite iria ser de festa, festa a dobrar e partilhada. Era noite de Natal. Nasceu Jesus, em Belém, à meia-noite desse mesmo dia. Já passaram mais de dois mil anos, mas esse acontecimento, por milagre da fé, renova-se em cada Natal. É Natal sempre que uma criança vem ao Mundo e traz consigo uma mensagem de esperança. E Mariama veio ao Mundo, de mãe negra, em Noite Feliz, tingida de negro...

Trataram da menina, embrulharam-na em panos e levaram-na para junto da mãe, colocando-a a seu lado, para que sentisse o seu calor e o afago da sua ternura.

Mas... subitamente, um silêncio dramático dominou e fez estremecer. A alegria e a esperança deram lugar à angústia e ao desespero. Mãe negra sofreu um momento doloroso e não

resistiu. Os seus olhos não se abriram mais, os braços não se ergueram. Nem uma palavra, nem um gesto, nem um sorriso. O seu corpo, ainda quente, estava inerte. Mãe negra acabara de morrer, ao dar à luz o seu oitavo filho. Milagre da vida! Mistério da morte! A vida e a morte, lado a lado, no mesmo leito. Duas faces do grande mistério oculto na vida do ser humano.

Veio de longe, fez uma longa e dura caminhada, deixou para trás tudo quanto sofreu e sonhou e partiu para outra longa viagem, sem retorno. Mãe negra juntou-se às cerca de 16000 mulheres que morrem anualmente, em África, durante a gravidez e durante o parto, deixando órfãs milhares de crianças.

O Senhor, Deus do ser e da vida, trouxe àquela família de sete irmãos,

agora oito, a mais velha com dezasseis anos, um lindo “presente” de Natal, o dom precioso de uma vida, mas, num momento roubado à eternidade, veio a “irmã” morte e levou-lhes o que de mais precioso tinham: a mãe, “geradora da vida, que se fez ventre daquele ser humano, na alegria e no sofrimento, e que iria ser guia dos seus primeiros passos, amparo do seu crescimento e ponto de referência por todo o caminho da vida.”

Sinto-me abatida, insegura, na confusão da vida e ante esta morte. Porquê, Senhor, esta mulher-mãe que deixou oito filhos órfãos, “suspirando por amor”, num mundo de desigualdades e pobreza?! Porquê, em Noite Santa de Natal, em que também Deus se fez Menino, nascido da Virgem Mãe Maria?! Um Deus que quis ter Mãe, que O envolveu num abraço, cuidou d’Ele, viu-O crescer, e acompanhou-O no Seu peregrinar terreno até à Sua volta para o Pai?!

Senhor, eu sei que o fruto, para nascer, mata a semente e faz cair as pétalas da flor;

Eu sei que a morte é semente de vida nova, para lá da fugacidade do tempo; Eu sei que o amor da mãe é eterno; Mas, Senhor, Mãe é o abraço que nos faz viver.

É tão difícil, Senhor... Dar a vida, aceitando a morte!

Ajuda-me, Senhor, a ser forte para não vacilar.

Ajuda-me a ser firme na fé, à luz desta verdade plena.

Ajuda-me a ser presença maternal junto dos que não têm Natal. ●

PROFISSÕES SOLENES EM MANJACAZE

Texto: Frei Enrique Báscones, OFM

Moçambique

O sábado, dia 12 de dezembro, ficou gravado com ouro na história da nossa Vila. As irmãs Aida Filipe Ngive, Domingas da Costa e Tânia Maria Felisberto da Congregação das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres, residentes há já 20 anos na Paróquia de Manjacaze, fizeram a sua Profissão Solene. A Celebração Litúrgica resultou esplêndida, preparada ao mínimo detalhe, com muito carinho e trabalho. O nosso Bispo, Dom Lúcio Andrade Muandula, presidiu à celebração. Estiveram presentes ainda outros dez sacerdotes. Estava presente a Rvdma. Ma-

dre Geral Irmã Maria Yvonne e quase todas as Irmãs residentes em Moçambique. Solenizaram o evento com a impressão de belas camisetas e capulanas. Toda a comunidade cristã colaborou na preparação, viveu e participou na festa. A catedral foi a nossa “clássica tambeira”. E não obstante a sua enorme e abundante sombra, tocounos sofrer um calor fora do normal, pois o termómetro disparou até os 42 graus.

A Irmã Aida Filipe Ngive é natural de Manjacaze. Então, segundo a nossa tradição africana, a Festa prolongou-se ainda o dia 13, domingo, em casa dos pais, com a família, amigos e convidados. A onda de calor que se abateu sobre a nossa Região matou, essa noite, 46 frangos de nossa criação. Um golpe não pequeno para a fraca economia da nossa Fraternidade. ●

